

# CORREIO DO VOUGA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia de A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
—  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
—  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accepta collaboração que não seja sollicitada.

## BOAS-FESTAS

*Desejamo-las aos nossos assignantes e collaboradores, fazendo votos por que todos tenham um anno novo cheio de prosperidades.*

## FESTA DA ARVORE

A arvore teve sempre quem lhe prestasse culto, desde o selvagem que supersticiosamente a adora, até altos espiritos, como Goethe que lhe dedicou o melhor das suas meditações e mademoiselle de Sévigné que vivia entre os arbustos do seu parque como se fóra rodeada de pessoas queridas, cuidando d'elles, como cuida d'um filho a mãe mais carinhosa.

Goethe e Sévigné seriam ridiculos, pelo seu enternecido amor á arvore, se d'esta não resultassem vantagens para a humanidade. Mas resultam, e de tal importancia que Michelet escreveu que com a ultima arvore acabaria o ultimo homem.

Vem isto a proposito da «festa da arvore» que se realisou, em Lisboa, no dia 22, e cuja iniciativa coube a homens de valor e de orientação moderna, como Borges Grainha, que, tendo-se familiarizado com a nova pedagogia, nas suas demoradas visitas ao estrangeiro, não se cança agora de empurrar o nosso paiz para o caminho que seguem aquelles onde a instrucção e a educação constituem o primeiro cuidado do Estado. E foi, decerto, como meio educativo, que a Liga de Instrucção Nacional, com Grainha á frente, pensou na realisacão d'uma «festa da arvore».

Festas d'esta natureza, que já se realisavam em 1872 na America do Norte, deviam ter sempre um caracter de simplicidade—como simples são as creancinhas a quem, em primeiro lugar, devem interessar.

Mas não é assim. A festa do dia 22 revestiu um caracter essencialmente burocratico—toda formalismos e cerimoniaes. Em Portugal mesmo parece

que ha só um typo de festas, quer se trate d'uma recepção ao rei, quer da plantação d'um renque d'arvores, com o fim de ensinar as creanças a estimá-las, pelas utilidades que representam.

Coisas fundamentalmente differentes—diversamente deviam ser festejadas. Receba-se, muito embora, o rei, com foguetes, policia, casacas, fardas e toilettes deslumbrantes, tudo isso que o jornalista indigena acolhe ruidosamente; mas empregar a mesma *mise-en-scène* numa festa de creanças cujo espirito não está ainda preso nas malhas apertadas de convencionalismos absurdos, antes por natureza quer muita liberdade, é de pessimo gosto e revela grande falta de bom senso.

As creanças, com taes festas, não aprendem nada.—Ou então ficam com noções falsas: são capazes de julgar, por exemplo, que aos nossos agricultores lhes corre tão bem a vida que podem dár-se o luxo da casaca e respectivo chapéu alto...

E como hão-de ellas aprender?

Chegam ao local destinado á festa, debaixo de fórmã, a marcar passo, e anunciado o começo pela infallivel girandola, lançam duas pasadas de terra nas cóvas já abertas, e aos encontrões de muito cavalheiro com educação de mais e muito policia, com educação de menos, formam outra vez, para voltar ao collegio, á escola.

Nem uma palavra sobre as vantagens do seu trabalho. Nem o local foi escolhido já para isso. Mas não tem duvida. A lição por factos, que é na verdade a mais impressiva, não se fará demorar.

Aqui, na nossa terra, chegou mesmo antes de entrar cá o luxo da «festa da arvore». As creanças ainda não fazem ideia do que seja uma festa de tal natureza, mas o que já sabem é que a arvore é uma coisa... inutil. E como o não hão-de saber, se estão a ver arrancar centenas d'ellas, por auctorisação do Estado que, para attender aos interesses d'uma Companhia, poz de parte as vantagens da arborisação, sob o ponto de vista economico, esthetico, social?!

Que mande, amanhã, o governo realisar «festas da arvore» em todas as freguezias—e as creanças, pelos menos, as da nossa, estarão habilitadas a tomar parte nellas, mesmo sem ensaios...

## NOTA AZUL

Já na alta antiguidade Aristoteles, o summo philosopho stagwita, definia o homem—«um animal politico». Embora! De muito boa vontade eu abdicarei d'uma prerogativa tão eminentemente humana; mas aqui, n'este cantinho que me é reservado, eu o juro, jámais entrará essa dama corrupta que é a Excellentissima Senhora Dona Política de Portugal e Adjacentes.

Tranquilisem-se, pois, monarchicos e republicanos, se o titulo Nota Azul os alvoroçou. Não ha aqui lugar nem para o sorriso acolhedor d'uns nem para a caramunha de despeito ou de hostilidade d'outros. Bem sei que hoje a sociedade portugueza está dividida em dois campos absolutamente antagonicos e irreductiveis—os «Azues» e os «Vermelhos», e de tal modo que nenhum dos campos póde vêr uma camisa lavada ao outro. Assim, mal nas ruas do Porto galopára a Legião Azul, em homenagem ao Senhor D. Manuel, logo João Chagas sonhava que a Legião Vermelha levava triumphalmente o Senhor Bernardino Machado na sua primeira viagem presidencial...

Não, a minha Nota, embora Azul, não enfileira no campo dos «Azues»; a monarchia não terá em mim um paladino, nem certamente o meu esforço lhe valerá de muito. A Nota Azul não vem combater, nem de qualquer modo fazer opposição á Nota Vermelha, onde a democracia faz soar o clarim da revolução; os seus intuitos são outros.

Fica-se, pois, sabendo que o Azul da minha Nota não é... côr politica. E aproveito a oportunidade para lavar aqui, muito ordeira mas firmemente, o meu protesto contra o emprego descabido e abusivo que a politica está fazendo das côres. Já n'esta malfadada terra se conseguin malquistar o azul com o vermelho; se o mesmo vem a succeder com o negro o verde, o amarello, ai da pintura portugueza que está perdida para sempre; nunca mais a harmonia sahirá da palheta dos nossos pintores... Senhores Politicos! Em nome do futuro sagrado da arte nacional, peço lhes... treguas para as côres!

Porque é então Azul a minha Nota? Simplesmente porque, pretendendo eu fixar aqui, em linhas ligeiras, as minhas observações sobre a vida humana no que ella tem de mais agradável e de mais nobre, no seu eterno élan para o bello, para o bem, para o amor, para a felicidade, nada encontro como o azul para exprimir a doce alegria de viver a serenidade, a paz e a satysfacção espiritual. O vermelho é berrante, espalhafatoso, annuncia sangue, revoluções, violencias; o verde é o symbolo da perfidia, por isso mesmo que é a côr da esperança, tantas vezes enganosa; do amarello se diz que ha quem goste, embora seja a côr do desespero e da raiva concentrada; o branco, symbolo de todas as côres, significa asseio, saude, candura, mas falta-lhe essa idealidade sobre todas as cousas amada; o róxo é triste e funebre como um enterro; o negro quer dizer trevas, ignorancia, mysterio insondavel, crime, traição.

E o azul? Nas pupillas d'uma

mulher, profundo e luminoso, o azul significa o amor eterno, sempre igual mas sempre differente, a ternura, a constancia, a lealdade, a paz e a felicidade do lar. Só quando o azul brilha nos ceus a ventura póde ser perfeita: então o sol entorna sobre a terra o seu ouro letificante e creador; a natureza inteira rejubila, parecendo que sobre todas as cousas anda esparsa a força geradora da alegria; e até o homem, porque se vê mais feliz, é melhor. O azul deve ter sido a côr dilecta de Pan.

Dir-se-ha que, para evitar falsas interpretações, esta Nota se poderia antes chamar Côr de rosa; mas não é assim. Côr de rosa quer dizer optimismo; Pangloss via tudo côr de rosa; se observasse os nossos politicos e a sua obra, acharia tudo excellente. Ora eu não sou pessimista, mas estou longe de ver tudo côr de rosa. Reconheço que ha na alma humana muita maldade, mas como me julgo impotente para a anniquillar, encerro-me na minha torre de marfim e procuro evitar o seu contacto—a mim e aos leitores que, depois das minhas declarações, ainda tenham coragem para lêr a Nota Azul.

MARIO D'AVILA.

## De passagem

O parto tem sido laborioso, a ponto de nos fazer recordar o *mons parturiens*, da fabula;—e, se não fosse os altos destinos da politica portugueza quererem que o nascimento do novo ministerio coincidissem com o Natal de Christo, ainda hoje não poderiamos dar os nomes dos padrinhos do... rato que uns querem que se chame «concentração progressista-regeneradora» e outros—«ministerio das conegas».

Confesscemos: ao nosso humilde entender só é accessivel a primeira denominação; a segunda cheira-nos a sacristia e talvez, por isso, a não possamos comprehender, visto que no novo ministerio não entra conego algum de calças, quanto mais de saias...

Lá chegaremos. O Feminismo vae avançando e, decerto, as suas adeptas ainda não desesperaram de alcançar o poder.

E—quem sabe?—talvez não fosse mau apressar a evolução, no nosso paiz, e nos que lhe vão a par, se alguns ha.

A titulo de experiencia, ao menos. Porque não? Os homens já deram o que tinham a dar. Muito, é verdade, mas bem fraquinho. E não devemos esperar melhor.

Os que, agora, são chamados para timoneiros da nau da nação já a levaram a pique—diz-se para ahi, e em mais d'uma

lingua até, para que o mundo inteiro o saiba. Esperar que tomem emenda, depois de velhos, é contra a sabedoria das nações—e esta não costuma falhar.

Naufragaram elles e naufragou a nação. E—dizem os entendidos—para se salvar a nação, deviam perder-se os tripulantes. Talvez devesse ser assim. Talvez. Mas, se assim devia ser, mal nos vae, porque aconteceu exactamente o contrario: os tripulantes ainda dão mostras de vida e a nação...—A nação ainda está á espera de quem a salve.

A' espera de quem? D'homens? Mas se a todos lhes corre o mesmo sangue nas veias, se quasi todos tem recebido a mesma educação...

De mudança de regimen? Mas de que servirá um novo regimen, se os homens novos parecem já velhos, pelos processos de combate e de propaganda de que usam?...

A nação só tem a esperar por uma coisa:—que os homens se despojem dos seus direitos politicos em favor das mulheres que para ahi andam a berrar que acharam a cabeça que aquelles parecem ter perdido, ha muito, no nosso paiz e nos que lhe vão a par, se alguns ha...

**Subscrição** aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Lista dos subscriptores:

Alfredo C. de Magalhães.	10\$000
Angelo Vidal.	5\$000
D. Maria L. dos Reis e Lima.	1\$000
D. Elisa dos Reis e Lima.	200
D. Amelia dos Reis e Lima.	200
D. Beatriz dos Reis e Lima.	200
José Ferreira de Magalhães.	2\$000
Somma.	18\$600

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

## AO SERAO

## GAZETILHA

Raparigas do meu tempo,  
A quem o frio d'estalo  
Nunca foi um contratempo  
P'ra ir á missa do gallo,  
Que é feito d'essa alegria,  
Tão linda, que era um regalo,  
Que ostentaveis neste dia?

Hoje é a noite do Natal,  
E a poesia que a missa tem,  
Podeis crêr, é tal e qual  
Como a que tinha também.  
Porque não rides, agora,  
Por essas ruas além,  
Raparigas, como outr'ora?

Alegre-vos, oh cachopas  
Dos meus tempos de rapaz,  
E feche-vos hoje em copas  
Se a dôr o seu jogo faz.  
Não ensombreis este dia  
Dedicado á santa paz,  
Cheio d'amôr, d'alegria.

Saltem filhós, bilhoracos,  
Pudings da massa mais fina,  
Castanhas, nozes aos saccos,  
E doces de gelatina;  
Crêmes, sonhos, rabanadas,  
Pingolêta genuina,  
Figos, passas e queijadas.

E por entre esses chorrilhos  
De beijos, risos e tal,  
Ensinae aos vossos filhos  
Este preceito moral:  
«Dae em nome de Jesus,  
E em louvor do seu Natal,  
Aos pobres, famintos, nús».

El-Vidalonga.

## ANEDOTAS

Dois deputados encontram-se numa reunião, e um d'elles exacerbado pela discussão politica que acabavam de ter, diz para o outro:

—V. Ex.<sup>a</sup> nunca abriu a bocca na camara.

—Engana-se V. Ex.<sup>a</sup>, diz-lhe o collega, os seus discursos produzem-me sempre esse effeito.

(Que lição para alguns dos nossos representantes em côrtes.)

Um respeitavel pae de familia diz para outro, logo depois da subida do partido conservador:

—Meu filho apanhou um emprego onde está como peixe na agua.

—Que diabo faz elle então para estar tão bem?

—Faz como o peixe: *nada*.

Um velho cura, homem grave, caiu na tolice de ir, pela primeira vez, a um baile dado no rigor da moda. Logo depois de entrar, dirigiu-se á dona da casa e despediu-se.

Como assim? Já nos deixa?

—Sim, minha senhora. Como vejo as senhoras quasi despidas, supponho que não-de querer deitar-se, e neste caso permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que retire.

## DUELO POETICO

Uma occasião, estando Bocage pensativo e encostado á porta de uma loja, appareceu Nicolau Tolentino que lhe disse:

Elmano, a lyra divina  
Porque razão emmudece?

BOCAGE:

Porque mais cala no mundo  
Quem mais o mundo conhece.

TOLENTINO:

Que tens achado no mundo  
Que mais assombro te faça?

BOCAGE:

Um poeta com ventura,  
Um toleirão com desgraça.

Ambos tinham grandes pés e um ao outro dirigiram os seguintes epigrammas:

BOCAGE:

Se o padre santo tivesse  
Um pé tão longo e tão mau,  
Podia mesmo de Roma  
Dar beija —pé em Macau

Responde Tolentino referindo-se aos grandes sapatos de Bocage:

Eram trez juntas de bois,  
E d'aquelles mais selectos,  
A puxar pelos sapatos  
E os sapatos quietos.

## QUADRAS ESCOLHIDAS

Amôr de mãe quem tiver  
Deve guarda-lo no peito,  
Que não ha amôr de mulher  
Que seja amôr tão perfeito.

Julio Brandão.

O amor de mãe é branco  
Rôxo o que trago no peito:  
Ainda bem que tem a côr  
Que mais diz no amor perfeito.

A. Correia d'Oliveira.

## NOTICIARIO

**Bôdo aos pobres** — Realizou-se, realmente, no dia 25, o bôdo aos pobres de que fallamos no ultimo numero e cuja iniciativa coube, como já dissemos, ao nosso amigo sr. Antonio da Silva Brinco, digno encarregado da estação telegrapho-postal d'Agueda.

Concorreram para esta bella festa de caridade, além d'outras pessoas, a sr.<sup>a</sup> D. Ismenia Rego e suas Ex.<sup>mas</sup> filhas, as sr.<sup>as</sup> D. Ilda Affreixo e D. Armanda Rego, e o sr. João Martins de Pinho.

Em nome dos pobresinhos contemplados, agradecemos aos seus bemfeitores, exprimindo o sincero desejo de que o exemplo d'estes fructifique.

**Haverá crime?** — Desappareceu, no dia 17, Serafim José Antonio, da freguezia de Requeixo. A familia, procurou-o por toda a parte e só ao fim de tres dias foi o cadaver do pobre Serafim encontrado num pôco do sr. Manuel Barqueiro, de Pinheiro. Procedeu-se á respectiva autopsia do dia 21.

Ainda não conseguiu apurar-se, apesar das diligencias feitas nesse sentido, se a morte do Serafim foi devida a desastre ou se trata d'um crime. Estão, no entanto, já presas algumas pessoas para averiguações.

**Linha ferrea.** — Requereu concessão, por 99 annos, para a construcção d'uma linha ferrea de via reduzida entre Estarrêja e Bestida o sr. dr. Joaquim Tavares d'Araujo e Castro, digno reitor da Murtosa.

**José Estevão**—A proposito do primeiro centenário do maior orador parlamentar portuguez, que passa no dia 26 de dezembro do proximo anno, o sr. dr. Cunha e Costa propoz, na sessão do dia 24, que o Municipio de Lisboa commemore solemnemente aquella data.

A proposta do sr. dr. Cunha e Costa é concebida nestes termos:

«Tendo esta vereação, na sua primeira sessão ordinaria, por proposta do cidadão Luiz Filipe da Matta, deliberado associar-se á commemoração do centenário do nascimento do eminente orador liberal José Estevão Coelho de Magalhães, proponho que esta camara promova, no salão nobre da sua sede, uma serie de conferencias preparatorias, para as quaes convidará, sem distincção de côres politicas, todos os liberaes do paiz,

sendo nomeada, para a execucao d'esta proposta, uma commissão de tres vereadores.»

**Fallecimentos.** — Com 82 annos de idade, falleceu em Aveiro a sr.<sup>a</sup> D. Thereza de Jesus Pereira, mãe dos srs. João e Armando da Silva Pereira e avô da esposa do sr. dr. Lourenço Simões Peixeiro.

Apresentamos as nossas sentidas condolencias a toda a familia enlutada.

—Constou hoje, aqui, que falleceu uma cunhada do rev. prior de S. Bernardo, que deixa na orphanidade quatro filhinhos. A todos os seus enviamos sentidos pesames.

**Nomeação.** — Confirmou-se a noticia que demos no ultimo numero a respeito da nomeação do nosso amigo sr. Cação Gaspar para um dos districtos criminaes do Porto. Foi collocado no 3.<sup>o</sup>, vendossim realisadas as suas justas aspirações, pelo que effusivamente o felicitamos.

**Naufragio.** — Naufragou, no dia 20, á entrada da barra d'Aveiro, o brigue «Arthur» que vinha carregado de carvão.

O «Progresso d'Aveiro», noticiando o facto, parece attribui-lo ao mau serviço dos pilotos, lembrando até a utilidade d'uma syndicancia.

**Aos nossos colaboradores:**— Por terem chegado tarde ao nosso poder, é-nos absolutamente impossivel publicar neste n.<sup>o</sup> a *Caria de Lisboa* e a correspondencia dos Covões.

Esperamos que os nossos illustres colaboradores nos desculpem.

**Instrucção primaria**— Contamos abrir no proximo numero uma secção de informações para os professores de instrucção primaria, dando conta de todos os despachos que lhes interessarem e que sejam publicados no «Diario do Governo».

**Valle do Vouga.**—Realizou-se, no dia 21, a inauguração do trôço do caminho de ferro do Valle do Vouga, comprehendido entre Espinho e Oliveira d'Azeiteis, dando-se, por signal, um descarrilamento.—Longe vá o agouro...

Damos, em seguida, os novos horarios e preços:

Partidas: de Espinho-Praia, de manhã ás 8-30 e de tarde ás 5; de Oliveira d'Azeiteis, de manhã ás 6 e de tarde á 1-30.

Chegadas: a Espinho-Praia, de manhã ás 7-39 e de tarde ás 3-13; a Oliveira d'Azeiteis, de manhã ás 10-13 e de tarde ás 6-30.

Preços: de Espinho-Praia a Espinho-Vouga, 130 em 1.<sup>a</sup> classe, 90 em 2.<sup>a</sup> e 70 em 3.<sup>a</sup>; Oleiros, 150, 120 e 80, respectivamente; Paços de Brandão, 200, 160 e 120; S. João de Ver, 300, 240 e 170; Villa da Feira, 390, 310 e 230; Arrifana, 490, 370 e 270; S. João da Madeira, 510, 380 e 280; Cocujães, 580, 450 e 320; Oliveira d'Azeiteis, 660, 510 e 360.

De Oliveira d'Azeiteis a Cocujães, 130, 90 e 70; S. João da Madeira, 170, 130 e 90; Arrifana, 200, 160 e 120; Villa da Feira, 280, 250 e 160; S. João de Ver, 380, 300 e 220; Paços de Brandão, 490, 390 e 270; Oleiros, 550, 410 e 300; Espinho-Vouga, 660, 510 e 360.

## NOTICIAS PESSOAES

Completo 34 annos no dia 27 o nosso amigo sr. Francisco Marques Barbosa. Muitas felicitações.

—Cumprimentamos tambem, pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 21, o nosso presado amigo, sr. J. Pereira da Silva, livreiro-editor muito estimado e considerado no Porto.

—A passar as ferias do Natal, partiram para as suas casas da Povoa do Forno (O. do Bairro) os nossos amigos, srns. Manuel d'Oliveira Santos e Joaquim de Carvalho, estudantes no Porto.

—Deu á luz uma galante creança do sexo masculino a esposa do nosso querido amigo, sr. Luiz Felix Pereira de Mezeis.

**Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenir, sempre que mudem de residencia, ou quando não recebam o jornal.**

## SECÇÃO LITTERARIA

## A Bordadeira

Vou para a missa do gallo,  
A noite está muito feia,  
Muito fria, mas deixal-o;  
Em casa, depois, a ceia  
Sabe bem que é um regalo.

Vou nos ranchos a cantar  
Em louvor do Deus Menino  
Que nos espera no altar;  
Eu bem sei que desafio,  
Mas Elle ha-de perdoar.

Conforme os outros fieis  
Tambem levo aqui uns cobres,  
Moedas de cinco reis:  
E' um gaudio para os pobres  
E sempre vem nos papeis.

Eu cá de missas é esta  
A que vou unicamente;  
Coisa de igreja sem festa,  
Orgão, luzes, muita gente,  
Deixem fallar que não presta.

Só aquella confusão  
Que ha na pia da agua benta!  
Toca a gente em linda mão  
O calor que experimenta  
Dos dedos ao coração!

Quem é mal intencionado  
Suppõe que Nosso Senhor  
Vê nisso grande peccado;  
Pois não o deve suppôr,  
Não tem Elle outro cuidado!

Ao contrario; como prova,  
Quando a dona da mãosinha  
E' galante, quando é nova,  
Parece até que apadrinha,  
Tem um ar de quem approva...

Outra coisa d'esta vez  
Me provoca sympathia  
Mais do que tudo, talvez.  
E' o presepio, por via  
De conhecer quem o fez,

Quem fez aquella cascata,  
Aquella especie de granja,  
Aquella especie de matta,  
Vegetaes, com sêda em franja,  
Agua, com fios de prata.

Foi uma pobre menina  
Que vive de bordadeira  
E a quem, diz a medicina,  
A doença traigoeira  
A pouco e pouco assassina.

Com o ganho dos bordados  
Sustenta a mãe que é ceguinha,  
Dá-lhe pão, dá-lhe cuidados,  
E pensar eu, coitadinha,  
Que tem os dias contados!

E d'ahi como a candura  
Tem no ceu tanto prestigio,  
Quem sabe se por ventura  
Não fará Deus um prodigio,  
Quem sabe se não a cura?

Pois olhem que merecia  
Longa existencia sorrindo,  
Que nunca a Virgem Maria  
Viu um presepio mais lindo,  
Mais cheio de phantasia.

Quem deita em palhas tão bem  
Uma creança pequena,  
Com o geito que ella tem,  
Faz pena, senhor, faz pena  
Que nunca chegue a ser mãe!

A bordadeira já deve  
Ir caminho da capella  
Com o seu passinho leve;  
Está um frio que gela...  
Não lhe faça mal a neve...

Vou para a missa. Deus queira  
Que d'esta vez a mãosinha  
De rapariga solteira  
Que eu encontro ao pé da minha  
Seja a mão da bordadeira!

ACCACIO DE PAIVA.

(Da Illustração Portuguesa,  
de 23 de dezembro de 1907.)

## GRACIOSA

(CONTO DO NATAL)

La nature se reconnoit d'abord  
LONGUS.

Ouvindo que alguém chamava ao portão da rua, a velha Engracia ergueu-se e, depois de agitar as saias n'um movimento rapido, sahiu da sala, arrastando pesadamente as chinellas. Então Magdalena afastou brandamente a costura.

Começava a escurecer. Dentro uma sombra leve velava já os objectos, amollecendo-lhes a rigidez dos contornos numa suavidade de meia-tinta. Lá fóra a paisagem parecia adormecida. Uma grande paz descia serenamente sobre as cousas. No ar tranquillo desenhavam-se já frouxamente as figuras das velhas arvores descarnadas; os choupos altos e esguios, as figueiras de vasta ramaria, os castanheiros de esbelteza senhoril castamente escondiam a nudez dos seus troncos. Dos casaes vinha um fumo espesso, lento, que se arrastava pelo valle: nos lares as primeiras fogueiras crepitavam. E no ceu timidamente uma estrella despontou, pallida ainda, estremecendo sob o frio agreste e cortante. A noite descia apparatusamente...

Magdalena olhava tudo isto com tristeza. Mais uma vez ia passar as festas do Natal num amargo abandono. D'ahi a pouco quanta alegria não iria por esse mundo! Mas a fatalidade havia entrado em sua casa. Primeiramente o mar roubara-lhe o marido muito amado; e tempo depois uns bandidos levavam-lhe a sua pequenina Graciosa. Desde então nunca mais as lagrimas lhe seccaram nos olhos...

Engracia voltou, dizendo que uma pequenita pedia pousada. O coração de Magdalena confrangeu-se. Era sempre sob uma impressão dolorosa que ella via essas creanças famintas, que andam esmolando de porta em porta. Como ellas haviam de soffrer, coitaditas! Que longa agonia a sua, como sob os andrajos os seus corpicos lividos haviam de tremer de frio por essas eternas noites de inverno! Ella nunca ouvira sem uma angustiosa anciedade a curta historia d estas pequenas pedintes;— e que historias as suas tão tristes e lugubres! Mas sempre fóra illudida a sua esperanza de encontrar a sua Graciosa!

Porisso a nova que a Engracia trouxe lhe veio avivar tristes recordações. Mas d'esta vez um pensamento bom veio illumina-la de contentamento. Teria algumas horas de conforto e de paz essa creança que viera bater-lhe á porta pedindo pousada:—naquelle Natal consoariam todas tres...

Timidamente a pequena fóra sentar-se a um canto, num receio pudico de se mostrar em toda a sua inteira pobreza. Mas Magdalena fê-la sentar numa cadeirita baixa, mais perto do lume, e tomou-lhe carinhosamente entre as suas as mãos magras, rôxas de frio.

—Pobresita! Tem as mãos frias como a neve.  
Brandamente ella buscava retirar as mãos, furtar-se a estas caricias a que não estava habituada e que a punham num enleio doloroso. De olhos baixos, não as havia fitado abertamente e num geito teimoso puxava para o rosto um farrapo de chale que a cobria.

—Está envergonhada, coitadita!  
Mas já a previdente Engracia lhe punha deante, numa bancasita, uma ceia farta e succulenta. A principio levava o garfo á bocca com lentidão, receosa de se mostrar com fôme; mas depois, sob o olhar amigo das bondosas mulheres, animou-se, comeu muito, com voracidade, como se de ha muito não houvesse comido nada. E desde então ella perdeu o seu arsinho selvagem, tornou-se familiar, fallou muito, numa tagarellice infantil, rindo despreoccupadamente. O chale cahira-

lhe dos hombros, deixando ver o seu corpito franzino; nas faces havia agora um leve rubor e os olhos brilhavam num brilho doce.

Vendo-a assim communicativa, Magdalena quiz satisfazer a sua curiosidade: perguntou-lhe porque andava por alli sózinha, se não tinha já pae nem mãe. Então a pequenita, como se a pergunta a ferisse, cahiu num mutismo triste. E foi só d'ahi a algum tempo que ella se resolveu a contar a sua historia, agora espontaneamente, como que impellida pela necessidade de desabafar as suas desditas, de se acolher ao seio protector d'aquellas boas amigas. Ella nunca havia conhecido seus paes. Uns comediantes diziam tê-la encontrado abandonada e haviam tomado conta d'ella. Mas davam-lhe maus tratos, mandavam-na pedir quando as suas momicas rendiam pouco, e, se ella não lhes entregava uma boa colheita, injuriavam-na, batiam-lhe rijamente. Porisso ella um dia resolveu fugir...

Subitamente Magdalena estremeceu: havia surpreendido no olhar d'aquella creança o olhar de seu marido. Eram os mesmos olhos negros, macios, luminosos, dizendo a mesma ternura, a mesma ingenuidade... E se fosse ella, a sua Graciosa? E, morta por saber a verdade, foi no entanto a mãe que lhe perguntou como se chamava.

—Manuela.

A pobre mãe cahiu desolada. Mais uma esperança que fugia! E, como uma immensa tristeza se lhe espalhasse pelo rosto, a pequenita inquietou-se.

—Então ficou triste por eu me chamar Manuela? Como queria que me chamasse?

Magdalena teve um sorriso de bondade; e, ternamente, puxou-a para o regaço.

—Queres dormir assim? Nesta noite Jesus, enquanto os meninos dormem, vem deixar-lhes prendas. Que querias que elle te dêsse?

—Ora, Jesus não se lembra dos pobres...

Mã! Pois não lembra?... Anda, dize: que querias que elle te dêsse?

—Querias... Olhe: o que mais gostava era ter... mãe.

Magdalena calou-se. Como contentar aquella creança? Em verdade só Jesus podia dar-lhe essa ventura. Se aquella creança fosse a sua Graciosa, que felicidade para ambas! Mas não era...

E, no entanto, uma singular sympathia a levava para essa extranha: nos olhos d'ella como que via todo o seu passado feliz. E agora pensava que, afinal, o nome nada queria dizer. Certamente quem a houvesse roubado não lhe daria o nome baptismal, nem talvez mesmo o conhecesse. Assim uma nova esperança nascia. Mas como saber a verdade?

Um prolongado silencio se havia feito. Manuela tinha adormecido. A um canto a velha Engracia fiava o seu linho, fazendo girar o fuso agilmente num *trr-trr* secco e monotono.

De repente, uma lembrança occorreu a Magdalena: se aquella creança fosse a sua Graciosa, devia ter no hombro esquerdo um pequeno signal preto. Nervosamente desapertou-lhe a blusa: o signal lá estava, bem nitido, como uma enorme formiga que lhe quizesse mordiscar a pelle...

Assim, quando no dia seguinte Graciosa accordasse, reconheceria a bondade de Jesus.

Dezembro de 1904.

Mario d'Avila.

## O NATAL

E' bello—o Natal.

E' bello para aquelle que tem alguem que o estime e com quem sonhe loucos sonhos d'amôr. E' bello para aquelle que, esquecendo-se do mundo, tem um logar junto da lareira fumegante, d'onde se exhala o cheiro dos torresmos. E' bello ainda para o homem de sciencia que, alta noite, se perde em locubrações scientificas, não ouvindo a chuva que, raivosa, fustiga a vidraça do gabinete...

Mas para o que aneia por mais alguma coisa, para o que estende olhos d'alma por esse mundo além, o Natal é triste. E' triste porque esse vê a miseria, é triste porque esse vê o crime, é triste porque esse assiste á lucta incessante da vida, em que tantas vezes vence a hypocrisia e fallece o dever. E mais triste ainda, porque, no dia de hoje, esse compara todas as dôres que vão por esse mundo com as alegrias intimas d'alguns lares em que reina o bem-estar e a mais pura amizade.

Se todos pudessem ser assim, constituirem uma só familia, serem todos irmãos!

Vem longe ainda esse dia...

A humanidade continúa a soffrer, a justiça a ser uma cousa falsa...

A chuva cãe miuda e fria; um vento cortante atravessa o espaço; os montes estão brancos de neve; os ribeiros gelados emmudeceram, e ao longe o mar, n'uma furia doida, como alma em revolta, esforça-se por sahir, pobre prisioneiro! do leito que lhe marcaram as convulsões geologicas, e lavar a superficie da terra de tantos crimes, de tanta mentira.

As creancinhas tiritam de frio e gemem de fome; pobres mães, olhando os filhos rôtos e famintos, vertem silenciosas lagrimas de dôr; a prostituta, reparando no seu niveo corpo ou no seu corpo semeado de nodos, tem horror e tem vergonha do seu estado, e as almas que buscam a luz, as almas que aspiram ao Bem e á Verdade, sentem a maior de todas as dôres—a dôr de vêr tanta dôr.

\* \* \*

Christo amou os humildes, por elles luctou, morreu por elles. N'este dia do anno os homens commemoram o anniversario do seu nascimento, mas com festas, muitos, quasi todos, com lagrimas...  
... E Christo prégou a Eguualdade...

A. MENDES DA COSTA.

## DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Azurva, 24

Foi aqui muito bem recebido o «Correio do Vouga», já pela sua orientação de jornal independente, já porque todos se convenceram de que elle estará sempre ao nosso lado, na defeza dos interesses d'esta terra onde o seu director conta muitos amigos.

\*

É a tal coisa. Bem diziamos nós que, em vespas de Natal, não havia que extranhar que «os amigos do alheio» deitassem a mão a um sacco de castanhas ou a coisa parecida.

Os factos vão-nos dando razão. Ainda o nosso amigo, snr. José Marques da Graça não conseguiu conformar-se com a sua falta de sorte, já o snr. Manuel Soares Henriques se anda a queixar de que lhe fôram á salgadeira, deixando-lhe apenas, talvez por cerimonia, algum sal... *Sal na moleira*... Acabe quem souber.

Quem foi? Quem seria? Todos querem saber, todos martyrisam a imaginação, mas ninguem acerta. E custa acreditar que assim seja—numa terra pequena, onde toda a gente se conhece, onde uns sabem, a palmas e a dedos, a vida dos outros, os seus vicios e as suas virtudes.

Em nossa fraca opinião, e para socegar os espiritos, é melhor assentar-se em que «o que lá vae, lá vae», e tratar cada um de fechar as suas coisas a sete trancas.—E não serão de mais.

Pois para que nos havemos de incomodar nós se quem mais se devia incomodar (o gatuno ou gatuna, com medo de que a policia lhe batesse a porta (!)) nem se dá ao trabalho de pôr o pé na rua, a convidar os snrs. Graça e Henriques para um magusto e uma *arroçada de chispanço*...

Ao menos, com todos os demonios, que mostrassem uma pontinha de generosidade, convidando os roubados para a petisqueira... E elles já teriam a dizer para sua consolação—*do mal, o menos*...

Mas, adeante, porque ainda queremos deixar alguma coisa para outra occasião que, por mal d'esta terra, não se fará, talvez, esperar muito.

Emquanto lá não lhes ficar o focinho, como aconteceu ao cão...

\*

Seguiu, no dia 22, para Lisboa, com destino a Manaus, o nosso presado amigo, snr. Manuel Marques Ribeiro.

Acompanharam-no até Aveiro muitos amigos.

O snr. Marques Ribeiro, a quem desejamos uma viagem muito feliz e todas as prosperidades de que é digno, não pode passar aqui o Natal, junto da familia, como era seu grande desejo, por causa dos seus negocios no Brazil.

—Tambem no mesmo dia retirou d'Angêja para Lisboa, d'onde seguirá para o Brazil, o snr. Antonio Ribeiro d'Almeida, que foi acompanhado até Aveiro por numerosos amigos, seguindo ainda até Coimbra alguns, entre os quaes o snr. Camillo Rodrigues, digno redactor d'«A Voz d'Angêja».

—Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 22, felicitamos o nosso amigo, snr. Victor Simões da Costa, lamentando que, em logar de fazer annos, os não desfaca. Ao menos, que tenha a felicidade de os fazer por largo tempo.

—Ha mais de dois mezes que se encontra gravemente enfermo o nosso presado amigo, snr. José Migueis Junior. Fazemos ardentes votos pelas suas melhoras.—C.

Costa de Vallade, 23

Tem dito varios jornaes, e entre estes o «Correio do Vouga», que falleceu ha dias a tia do nosso amigo Martins Alberto, de Nariz. Felizmente, não é verdadeira tal noticia.

Com uma pneumonia dupla esteve realmente em perigo de vida, mas, devido aos esforços do distinctissimo clinico Dr. Abilio Marques, está livre de perigo.

—No visinho logar de Quintans, Maria Carrancho foi agredida brutalmente pelo marido e sua filha! Abençoado leite que amamentou tal filha!

—A convite do professor José Casimiro da Silva, reuniram na escola central do sexo masculino de Aveiro, os professores primarios do concelho snrs. D. Maria Adelaide Pereira Gomes, de Esgueira, D. Rosa Mourão Gamellas, d'Aveiro, D. Clementina Barreto e D. Carolina de Mello, d'Eixo, D. Maria Adelaide Netto, de Cacia, D. Gracinda Soares de Souza, de Requeixo, D. Dulce de Jesus e Silva, de Sarrazolla, D. Maria Laranjeira, d'Aveiro, D. Maria da Gloria d'Oliveira Marques, d'Aveiro, D. Maria La Salette, d'Aveiro, D. Otilia de Lemos, d'Aveiro, D. Idalina Rocha, de Verdemilho, D. Benilde Freire Quaresma, de Cacia, Joaquim Henriques da Silva, de Requeixo-Taipa, Padre Bruno Monteiro Telles dos Santos, de S. Bernardo, Francisco Portella da Silva, d'Aveiro, José Moreira de Azevedo, d'Aveiro, Antonio da Rocha Martins, de Verdemilho, José Gonçalves de Queiroz, de Aveiro, Adriano Abrantes Serra, de Esgueira, Domingos Marques de Carvalho, de Mamodeiro, José Casimiro da Silva, d'Aveiro, Reynaldo Vidal Oudinot, de Sarrazolla, Manoel dos Santos Costa, da Costa de Vallade, afim de procederem á eleição do Centro Escolar que ficou assim constituido:

Presidente, José Casimiro da Silva.

Secretario, José Gonçalves de Queiroz.

Thesoureiro, Francisco Portella da Silva.

Vogaes, Maria da Gloria d'Oliveira Marques e Maria Emilia Laranjeira.

Procedeu-se em seguida á eleição dos «Delegados Concelhios» para a eleição do Delegado do Directorio, sendo escolhidos os professores Manoel dos Santos Costa, José Moreira d'Azevedo e D. Otilia de Lemos.

Estes, reunidos aos Delegados do concelho d'Albergaria-a-Velha, escolheram para representante do circulo escolar d'Aveiro na eleição do Directorio do Professorado Primario Portuguez, em Coimbra, o professor regente da escola central d'Aveiro José Casimiro da Silva.

Todos os professores se inscreveram como vogaes da Liga Nacional, contribuindo com a quota mensal de 50 reis.

—Terminando, deseja ao «Correio do Vouga» longa vida e a toda a sua *obrigação* o

Correspondente.

S. João de Loure, 25

Já tomou posse do cargo de vereador da Camara d'Albergaria o nosso amigo Joaquim Rodrigues de Mello, a quem o povo confiou da melhor vontade o seu mandato, na esperança de que o snr. Mello construa uma fonte proximo ao cruzeiro, com sufficiente abastecimento d'aguas.

Felicitamos com orgulho o sr. Mello e esperamos que a sua muita dedicacão pelos interesses locais corresponda sempre aos desejos dos seus eleitores.

—Regressou de Manaus, de perfeita saude, o snr. Antonio Henriques d'Oliveira.

—De Lisboa chegou hontem o snr. José d'Oliveira Abreu.

—Está doente o snr. Antonio Dias Leite, applicado estudante do 4.º anno do Lyceu d'Aveiro, a quem desejamos rapidas melhoras.

—A todos os nossos amigos e assignantes damos boas-festas, pedindo desculpa de não podermos hoje ser mais extenso porque... arrefecem as castanhas e... vamos consoar.

Até á semana.—C.

Oliveirinha, 23

Falleceu hontem, de manhã, a snr.ª Maria de Jesus Rebello, irmã do nosso amigo, snr. Antonio Marques Rebello.

—A nossa Junta de Parochia ficou assim constituida: Presidente, P.º Alvaro Henriques; vogaes, Manuel Melão de Carvalho, Daniel Diniz dos Santos, Antonio Joaquim Diniz e Antonio Martins Pereira.

Não podia ser mais acertada a escolha, porque todos os eleitos são pessoas de caracter honestissimo e de grande energia, devendo, portanto, desempenhar bem a missão de que estão incumbidos.

Assim o desejamos e ao seu lado estaremos em tudo que fôr justo e de interesse para esta terra.

—O nosso amigo e importante proprietario e industrial, snr. Manuel Melão de Carvalho, já terminou, por este anno, a colheita e a secca da chicoria. Muito desejamos que tenha uma venda boa.

—Distribuiu-se por aqui o relatório da situação economica e financeira do Municipio d'Aveiro, em 30 de novembro. Parece querer dar a entender que a camara cessante deixou a actual em... calças pardas. Vamos a ver se esta as põe... brancas.

Que nós nada temos com... o rol da roupa suja. Deixamos isso aos cuidados do *Progresso* e da *Beira-Mar*...—M.

Troviscal (O. do Bairro) 23

Agradou-nos muito o primeiro numero do «Correio do Vouga»;—primeiro do seu reaparecimento. E' que, em nosso humilde entender, todo o jornal deve ser noticioso, bom informador, dizendo sempre a verdade, custe o que custar, e, sobretudo instructivo, educador, moralizando sempre.

No entanto, dos jornaes que conhecemos poucos são, infelizmente, os que seguem tão nobre caminho; enveredam por outro que melhor conduz á satisfacão dos seus gananciosos desejos, ou defendem credos politicos que não estão de harmonia com os sagrados interesses da nossa querida patria, que todos nós, portugueses, temos de respeitar e engrandecer.

E depois todos se queixam que as coisas vão correndo mal...

—A passar as presentes ferias do Natal com suas illustres familias, acham-se entre nós os nossos queridos amigos, os snrs. dr. Alvaro dos Santos Pato, do Passadouro, digno administrador do concelho de Penacova e Adriano Joaquim de Carvalho, applicado e intelligente estudante do 6.º anno do lyceu da 1.ª zona do Porto, e Manuel d'Oliveira Santos, tambem estudante muito distincto na mesma cidade.

—A fim de passar tambem as festas do Natal com s. ex.ª familia, partiu hoje para Nariz a sr.ª D. Ernestina da Conceição Rocha, digna professora official, d'aqui.

—Recebemos hoje a amavel visita do nosso amigo sr. Adelino Macedo, de Amoreira da Gandara.

—O tempo continua frio como a neve.—Gil.

## A' ULTIMA HORA

O ministerio ficou assim constituido:

Presidencia e Reino—Campos Henriques.

Fazenda—M. Affonso Espregueira.

Guerra—Sebastião Telles

Estrangeiros—Wenceslau de Lima.

Obras Publicas—D. Luiz de Castro.

Justiça—D. João d'Alarcão.

Marinha—Antonio Cabral.

## LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA  
44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

PARA FESTAS de CRENÇAS

### Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.  
Brochado 250 reis. Com uma linda encadernação em percalina 350

### MANUSCRITO das ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muito proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch., 120. Enc., 200 reis

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.<sup>a</sup> edição. . . 100 reis

### PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria.

Brochado 60 reis

### GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

### LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUNNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

ELABORADA SEGUNDO OS ACTUAES PROGRAMMAS

POR

ALBANO DE SOUSA

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás crianças d'uma grande suavidade e, portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

## NO PRELO:

*Desenho Geometrico dos Lyceus*, para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

### Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores, etc. Esferas terrestres e arnillares.

*Museu escolar* e *Mappas Geographicos*.

—Precos muito reduzidos—

### MERCEARIA AVEIRENSE

DE

VICENTE DE MAGALHÃES TABORDA

51, Largo da Fontinha, 52

PORTO

Licôres, vinhos finos, assucar, chá, café e tabacos nacionaes e estrangeiros. Especialidade em carnes de porco.

Vendas por junto e a retalho.

Alfredo de Magalhães

ADVOGADO

34, Rua de S. Miguel, 36

PORTO

### ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

À venda em todas as livrarias.

M. Saldanha & C.<sup>a</sup>

Rua Augusta, n.º 100, 1.<sup>o</sup>-E

Commissões e exportação

Encarrega se da compra e venda de productos nacionaes e estrangeiros.

Endereço Telegraphico—EIXO

## EDUARDO D'OLIVEIRA BARBOSA

RUA DO GRAVITO—AVEIRO

Tem sempre á venda, por preços modicos: *mausoleus, campas e lousas*, em grande quantidade e de todos os tamanhos, para bancas de cosinha, depositos de agua, telhados e escolas.

Encarrega-se da construcção de *jazigos*, dentro e fóra da cidade, fornece desenhos para os mesmos e cantarias de *granito, pedra branca* e *pedra lioz*.

Tem tambem, em Eixo, armazem de chicoria, onde se encontra sempre grande porção d'este producto, da melhor qualidade e pelos preços mais rasoaveis.

Satisfaz, promptamente, qualquer encomenda.

## Typographia

DE

A. F. Vasconcellos, Suc.

RUA DE SA' NORONHA, 51

PORTO

Esta officina encarrega-se de tomar conta de todos os trabalhos typographicos, taes como: mappas, jornaes, obras de luxo, cartões de visita, memoranduns, facturas, etc., etc.

Officina de encadernação

Carimbos de borracha

### ADUBOS CHIMICOS

ALLIPIO DOS SANTOS ORDENS

Cantanhede

Covões

Grande deposito de adubos da Companhia União Fabril, sem duvida os que tem dado mais resultado em todas as culturas.

Grande desconto a prompto pagamento. Conducção a casa dos freguezes, para o que tem um serviço bem montado.

Vende tambem rolões por atacado e a retalho por preços convidativos.

### TRIUMPH

TRINDADE & FILHOS

Rua Direita

AVEIRO

Bicycletes, motoeycletes e automoveis dos melhores fabricantes ingleses e francezes. Accessorios de todas as marcas.

Officina para concertos. Esmaltagem e nickelagem.

Alugam-se bicycletes.

TRIUMPH!

TRIUMPH!

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36—Porto

### ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . .	1\$200
» —semestre . . . . .	600
Africa —anno . . . . .	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . .	2\$200

### PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . . . .	20 "
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—R. de S. Miguel, 36—Porto

Ca.º Sm.